

Magistério do papa Francisco: *Evangelii Gaudium*

Lição 3.

Crise e desafios de nosso mundo

Poderia causar surpresa o título do segundo capítulo de nosso documento, se não fosse o fato de que o papa está realmente colocando o dedo diretamente no centro da ferida: “Na crise do compromisso comunitário”. O ponto de dor é este: estamos num mundo em que os laços de pertença e de comunidade se desfazem espantosamente pela força do individualismo, da economia e do dinheiro. Este é o maior desafio para uma Igreja que, afinal, é essencialmente “comunidade” de Jesus, comunidade de escuta da Palavra de Deus, comunidade de testemunho e de salvação. O que está acontecendo?

Nesse capítulo o papa faz um diagnóstico curto e direto, com um olho de pastor, não propriamente como um especialista nos diversos pontos que aborda. Sua especialidade é “pastoral”, é o cuidado da fé, da esperança e da caridade no povo de Deus. Mas é claro que se vale de especialistas, subentendidos em seu diagnóstico. Pode-se dividir o capítulo em duas partes: os problemas que enfrenta o mundo contemporâneo e os problemas internos da Igreja. Nesta lição vamos nos ocupar com a primeira parte, os problemas postos pelo mundo de hoje. Estes também são divididos pelo papa em dois níveis: a) o nível econômico e político; b) o nível cultural e espiritual.

“Money!”: o dinheiro está no olho do furacão que está levando de roldão a mundo globalizado pela escalada do mercado que tudo compra e vende - as matas, as águas, as almas e a religião - e pela “financeirização” da economia. O papa Francisco não tem luvas de pelica nesse ponto diante do movimento da economia observado por todos os papas desde João XXIII, há mais de cinquenta anos, e que só fez aumentar: economia de arrastão, que, além de um extrativismo cada vez mais intenso, se torna concentrada e excludente. O dinheiro se deslocou de sua função de valor de circulação de bens para o de entesouramento de forma cada vez mais desequilibrada. A atual fase do capitalismo financeiro, em que papéis, dígitos, transferências online, etc., tornam o sistema de comando quase invisível, é uma fase perigosa de perdas e danos rápidos e profundos em economias regionais. E o dinheiro parece ganhar as almas: o papa o chama de “bezero de ouro”, o ídolo por excelência de nosso tempo, ao qual tudo se curva, se sacrifica, se violenta, se corrompe. O dinheiro, com a obsessão por sua garantia e medo de sua falta, dobra os governos e se torna o verdadeiro governo, tirano e frio, deus sem coração. A economia – o mercado - manda na política de forma ditatorial.

Depois da queda do mundo comunista e do descrédito de todo tipo de ideologia socialista, sobrou um mundo de mercado global, de capitalismo crescente, de governos a serviço do capital e do seu crescimento, e um dos efeitos, que preocupam um pastor como o papa Francisco, é a crescente desigualdade e abismo social seja entre elites endinheiradas e populações cada vez mais fragilizadas economicamente e submetidas à exploração de todo tipo, seja entre países e continentes. Esperávamos superar esses problemas históricos, e, ao invés disso, estamos piorando as desigualdades que se tornam cada vez mais cínicas por seu

caráter de injustiça e desumanidade, de crescimento de insatisfação e violência. O desafio de enfrentar e tentar mudar este imenso sistema construído com séculos de percurso e agora, com a tecnologia, se agigantou de forma predatória, ecologicamente trágico, socialmente inviável – este é um enorme desafio contemporâneo, contexto no qual estamos como Igreja.

Outro desafio, junto com o econômico e político, é o desafio cultural, sublinha o papa a partir do n. 61 da *EG*. Algumas regiões do mundo reduziram a cultura ao bem-estar, ao gozo estético, à busca individual da felicidade e da realização de curto prazo, num vazio espiritual que torna incapaz de compromissos onde se necessita também de energia e generosidade. Outras regiões se sentem ameaçadas em sua cultura, seu modo de vida e em seu coração, a religião. Tornam-se agressivas, intolerantes, fundamentalistas. No meio disso, a Igreja precisa ser “católica”, ou seja, coração aberto e acolhedor, espaço de reconhecimento e acolhimento da diversidade cultural, do discernimento a respeito dos modos de vida de povos tão diferentes. O papa pede que os católicos se examinem a respeito da solidez e profundidade da própria fé, buscando melhor formação para poder se mover e dialogar. De modo especial, a forma urbana do mundo contemporâneo, com seu pluralismo complexo, exige critérios para se mover com liberdade e com responsabilidade em meio a tanta criatividade, tanto brilho e miséria ao mesmo tempo.

“Inculturação” é a palavra retomada pelo papa indicando o trabalho de evangelização da diversidade cultural e da sua exuberância urbana: aprender a linguagem contemporânea para falar do evangelho e da fé, para expressar segundo a sensibilidade e as buscas espirituais de nosso tempo, em diálogo incansável com homens e mulheres que nos rodeiam.

Questão: Segundo suas palavras, qual mesmo a razão de o papa Francisco ir curto e direto ao ponto em que ele chama o dinheiro de “bezerro de ouro”, idolatria de nosso tempo? O que isso implica no conjunto de nosso mundo, de nossa economia e política, de nossa cultura e nosso modo de vida?